



Pesquisa qualitativa como proposta metodológica para os estudos com enfoque decolonial

Karina Francine Marcelino¹
Mário César Barreto Moraes²

Resumo: Apesar dos avanços significativos no movimento decolonial, persiste o desafio metodológico de fortalecer esse novo conhecimento por meio da inclusão de uma perspectiva libertadora, tanto no discurso quanto nas práticas adotadas. Para explorar tal lacuna, o presente estudo busca compreender as contribuições da pesquisa de natureza qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial. Concebido como um ensaio teórico, o estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica para estabelecer conexões entre metodologias qualitativas e abordagens decoloniais na pesquisa. Delimitando sua análise a um grupo específico de autores e obras, reconhece-se a existência de outras contribuições significativas no campo das metodologias aplicadas aos estudos decoloniais. Os principais resultados destacam que a pesquisa qualitativa emerge como uma alternativa ao apreciar múltiplas percepções, esclarecer significados, verificar a reincidência de observações e interpretações, perceber distintas realidades, atribuir maior riqueza de informações e ampliar a complexidade do estudo. Além disso, dá voz aos participantes, contribuindo para a construção de uma teia de significados que busca promover os interesses emancipatórios dos estudos decoloniais.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; decolonialidade; metodologia da pesquisa.

Qualitative research as a methodological proposal for studies with a decolonial focus

Abstract: Despite significant advances in the decolonial movement, the methodological challenge of strengthening this new knowledge through the inclusion of a liberating perspective remains, both in the discourse and in the practices adopted. To explore this gap, the present study seeks to understand the contributions of qualitative research to studies that have a decolonial focus. Conceived as a theoretical essay, the study is based on a bibliographical review to establish connections between qualitative methodologies and decolonial approaches in research. Delimiting its analysis to a specific group of authors and works, it recognizes the existence of other significant contributions in the field of methodologies applied to decolonial studies. The main results highlight that qualitative research emerges as an alternative when appreciating multiple perceptions, clarifying meanings, verifying the recurrence of observations and interpretations, perceiving different realities, attributing a greater wealth of information, and increasing the complexity of the study. Furthermore, it gives participants a voice, contributing to the construction of a web of meanings that seeks to promote the emancipatory interests of decolonial studies.

Keywords: qualitative research; decoloniality; research methodology.

La investigación cualitativa como propuesta metodológica para estudios con enfoque decolonial

Resumen: A pesar de los importantes avances del movimiento decolonial, el desafío metodológico de fortalecer estos nuevos conocimientos mediante la inclusión de una perspectiva liberadora permanece, tanto en el discurso como en las prácticas adoptadas. Para explorar esta brecha, el presente estudio busca comprender las contribuciones de la

¹ Doutoranda em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). E-mail: karinamarcelino@gmail.com.

² Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Presidente da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ANGRAD), professor na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: mario.moraes@udesc.br.

investigación cualitativa a los estudios que tienen un enfoque decolonial. Concebido como un ensayo teórico, el estudio se basa en una revisión bibliográfica para establecer conexiones entre metodologías cualitativas y enfoques decoloniales en la investigación. Acotando su análisis a un grupo específico de autores y obras, reconoce la existencia de otros aportes significativos en el campo de las metodologías aplicadas a los estudios decoloniales. Los principales resultados resaltan que la investigación cualitativa surge como una alternativa al apreciar múltiples percepciones, aclarar significados, verificar la recurrencia de observaciones e interpretaciones, percibir realidades diferentes, atribuir mayor riqueza de información y aumentar la complejidad del estudio. Además, da voz a los participantes, contribuyendo a la construcción de una red de significados que busca promover los intereses emancipatorios de los estudios decoloniales.

Palabras clave: investigación cualitativa; decolonialidad; metodología de investigación.

1 Introdução

As pesquisas decoloniais são abordagens – epistêmicas, teóricas e políticas – que buscam decolonizar o pensamento e oferecer outras reflexões a partir da identificação de outros saberes para além do eurocentrismo. Esses estudos elaboram conhecimento a partir da própria realidade de quem os escreve, sem a necessidade de olhar para a realidade do outro (Ballestrin, 2013). A partir dessa movimentação epistemológica, essas pesquisas buscam entender a relação entre sujeito e objeto de estudo, que deve ser de interesse coletivo e não individual do pesquisador (Dulci; Malheiros, 2021). O pensamento decolonial sugere a identificação e a superação da colonialidade do poder, do saber e do ser, apresentando-se como um desafio a ser considerado pela ciência e teoria política estudada no Brasil (Ballestrin, 2013).

Pesquisas dessa natureza tiveram início nos anos 1990 a partir do pensamento do Grupo Modernidade/Colonialidade, o qual era formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas (Ballestrin, 2013). Desde então, há um significativo avanço na produção acadêmica que busca decolonizar o conhecimento para além do eurocentrismo e oferecer outras leituras da história e das relações de poder na América Latina (Ballestrin, 2013; Dulci; Malheiros, 2021). Pesquisas que destacam a ideia das epistemologias do Sul (Santos; Menezes, 2017). Estudos como o de Mignolo (2017) que argumentam em favor da importância de decolonizar o pensamento, o qual revelam perspectivas alternativas sobre a realidade e interpretações históricas diversas, que tradicionalmente foram marginalizadas ou suprimidas. Outros estudos que abordam raça, classe, gênero, a partir de uma perspectiva interseccional, os quais revelam que esses marcadores sociais reforçam o sistema de poder, dominação e opressão (Gomes, 2018). Além de pesquisas que desvendam diferentes maneiras de conceber a humanidade, modos de vida,

formas de existência, experiências e relações que foram ocultadas, apagadas, silenciadas ou excluídas pela modernidade colonial, sustentada por hierarquias e estruturas de poder (Torres, 2024).

Contudo, apesar do significativo avanço do movimento decolonial, ainda há o desafio metodológico de fortalecer esse novo conhecimento a partir da inserção de uma perspectiva libertadora, tanto no campo discursivo como na esfera da ação (Barbosa, 2023; Dulci; Malheiros, 2021). A partir desse entendimento, reações à forma tradicional de fazer ciência, somadas à maior complexidade dos fenômenos estudados, contribuem para o surgimento de novas possibilidades epistemológicas (Sousa Santos, 1988), sendo a pesquisa qualitativa um dos possíveis caminhos para essa abertura (Leal, 2020).

Nesse contexto, surge a seguinte problemática: **como a pesquisa qualitativa pode contribuir para os estudos decoloniais?** A partir da problemática apresentada, este estudo tem como objetivo **compreender as contribuições da pesquisa de natureza qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial**. Para isso, pretende-se apresentar reflexões teóricas que ilustrem as perspectivas em torno das pesquisas de natureza qualitativa e as pesquisas decoloniais.

O presente estudo foi concebido como um ensaio teórico, especificamente como uma síntese teórica (Jaakkola, 2020), o qual se fundamenta em uma revisão bibliográfica que visa alcançar a integração conceitual entre metodologias qualitativas e abordagens decoloniais na pesquisa. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), o ensaio teórico se baseia em fontes teóricas já publicadas. No entanto, Marconi e Lakatos (2008) enfatizam que a pesquisa bibliográfica não se limita à mera reprodução de ideias, mas propõe uma nova perspectiva sobre o tema estudado, resultando em conclusões originais e inovadoras.

Para demarcar as fronteiras desta análise, este estudo concentrou-se em um conjunto específico de autores e obras, reconhecendo que existem outras contribuições significativas no campo das metodologias aplicadas a estudos decoloniais. É importante destacar que a busca por estabelecer conexões com pesquisas qualitativas baseia-se na premissa central de que as ciências sociais aplicadas enfrentam o desafio de navegar por terrenos que fomentem diálogos críticos sobre temas como democracia, raça, gênero, classe, Estados-nações, globalização, liberdade e comunidade (Denzin; Lincoln, 2006, p.16). Essa abordagem é fundamentada em metodologias crítico-reflexivas, visando uma compreensão mais profunda e contextualizada desses fenômenos sociais complexos.

O ensaio teórico está estruturado considerando a discussão sobre as perspectivas em torno das pesquisas de natureza qualitativa e das pesquisas com enfoque decolonial; na sequência, identificando as contribuições das pesquisas qualitativas para os estudos que versam sobre tais assuntos; e, finalizando com considerações conclusivas a respeito das escolhas realizadas.

2 Pesquisas de Natureza Qualitativa

A pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se concentra na análise profunda de fenômenos sociais, comportamentos humanos e experiências subjetivas. Esta perspectiva de pesquisa busca compreender os significados, motivações e contextos por trás das ações e percepções das pessoas. Para Creswell (1994, p. 1-2) a pesquisa qualitativa trata-se de “um processo de investigação de compreensão de um social ou humano problema baseado na construção de uma imagem holística complexa, formado com palavras, relatando visões detalhadas dos informantes, e conduzido em um ambiente natural”.

A pesquisa de natureza qualitativa abrange diversos paradigmas teóricos e utiliza uma variedade de abordagens metodológicas e estratégias investigativas. Esse campo de estudo incorpora diferentes técnicas, incluindo, mas não se limitando a, estudos de caso, narrativas orais, observação participante, pesquisa-ação, etnografia, netnografia, autoetnografia, entrevistas em profundidade, teoria fundamentada e investigação ativa. Cada uma dessas abordagens oferece perspectivas únicas para explorar e compreender fenômenos sociais e comportamentais de maneira aprofundada e contextualizada (Creswell, 1998; Denzin e Lincoln, 2011; Lanka *et al.*, 2021; Strauss e Corbin, 1990).

Conforme Minayo (2001, p. 14) a metodologia qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem baseada na indução e na interpretação, que se desenvolve no contexto natural dos fenômenos estudados. Ela busca compreender pessoas, casos específicos, situações sociais e processos em seus ambientes naturais. O objetivo principal é desvendar, por meio de descrições detalhadas, as interpretações e os sentidos que os indivíduos atribuem às suas vivências e à sua percepção do mundo ao seu redor. Esta metodologia valoriza a complexidade e a riqueza das experiências humanas em seu estado mais genuíno (Yilmaz, 2013).

Essas definições convergem para uma compreensão similar da pesquisa qualitativa, caracterizando-a como uma abordagem que emprega métodos indutivos, subjetivos e interpretativos na coleta e análise de dados. Estes conceitos destacam a importância de conduzir a pesquisa em ambientes onde os fenômenos em estudo ocorrem espontaneamente, destacando a complexidade das experiências humanas e buscando compreendê-las em seu contexto original. Além disso, ambas as definições enfatizam a dimensão social e humana da pesquisa, focando-se na maneira como os indivíduos percebem, vivenciam e atribuem significado ao mundo ao seu redor (Lanka *et al.*, 2021)

Embora a pesquisa qualitativa esteja ganhando espaço, essa perspectiva metodológica ainda enfrenta desafios para ser reconhecida como uma metodologia válida na literatura de gestão, especialmente em periódicos de destaque na América do Norte e Europa (Bluhm *et al.*, 2011). Isso se deve, em parte, à predominância das tradições positivistas, empiristas e quantitativas, particularmente no Norte Global. Essa prevalência pode resultar na avaliação inadequada da pesquisa qualitativa com base em critérios e paradigmas quantitativos. Além disso, Pratt (2009) aponta para a ausência de um conjunto padronizado de critérios e modelos para conduzir e relatar pesquisas qualitativas.

Para complementar essa visão, Denzin e Lincoln (2011) argumentam que a pesquisa qualitativa oferece uma abordagem mais flexível e interpretativa, capaz de capturar nuances que métodos quantitativos podem não detectar. Adicionalmente, Gioia, Corley e Hamilton (2013) propõem que a pesquisa qualitativa é fundamental para o desenvolvimento de novas teorias e para a compreensão aprofundada de fenômenos organizacionais complexos. Tracy (2010) sugere que, para superar esses desafios, é necessário estabelecer critérios de qualidade específicos para a pesquisa qualitativa, que respeitem sua natureza única e suas contribuições distintas para o campo da gestão.

A pesquisa qualitativa fundamenta-se na premissa epistemológica de que os fenômenos psicológicos e sociais são intrinsecamente complexos e interligados, tornando sua separação em variáveis mensuráveis impraticável ou, no mínimo, desafiadora (Bryman, 1984; Denzin; Lincoln, 2011). Esta abordagem argumenta que o comportamento humano é determinado por indivíduos conscientes e criativos, dotados de compreensões únicas do mundo em que vivem e atuam (Weinberg, 2014, p. 49).

Nesta perspectiva epistemológica, o conhecimento é obtido através de uma descrição minuciosa dos fenômenos, a partir da visão dos próprios indivíduos envolvidos, considerados os verdadeiros produtores desses fenômenos (Bryman, 1984). A teoria desempenha um papel

fundamental na pesquisa qualitativa, pois as informações coletadas a partir de relatos subjetivos permitem validar teorias existentes ou, mais frequentemente, fornecem a base para sua modificação, visando uma melhor explicação do fenômeno em estudo (Ahrens; Chapman, 2006).

Para complementar essa visão, Creswell (2013) argumenta que a pesquisa qualitativa é particularmente valiosa quando se busca explorar e compreender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Stake (2010) acrescenta que a pesquisa qualitativa é essencial para capturar a complexidade das situações, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. Esta abordagem permite uma exploração rica e detalhada que vai além da superfície dos eventos observáveis. Além disso, Merriam e Tisdell (2015) enfatizam que a pesquisa qualitativa é caracterizada por sua flexibilidade e capacidade de se adaptar ao contexto em estudo, permitindo uma compreensão mais profunda e holística dos fenômenos sociais.

3 Pesquisas com Enfoque Decolonial

O pensamento decolonial trata-se de uma abordagem teórica e metodológica que surgiu na América Latina na década de 1990, com o objetivo de analisar e desconstruir as estruturas de poder e dominação herdadas do período colonial (Ballestrin, 2013; Oliveira; Lucini, 2021). Seus principais autores incluem Aníbal Quijano (Quijano, 2019), que cunhou o conceito de "colonialidade do poder", Enrique Dussel e sua filosofia da libertação (Dussel, 1993), Walter D Mignolo e sua crítica ao eurocentrismo (Mignolo, 1998; 2010; 2017), e Catherine Walsh, que enfatiza a importância da decolonialidade como projeto de libertação social, política, cultural e econômica (Walsh; Mignolo, 2006; Walsh, 2012).

Essa perspectiva teórica e metodológica é uma corrente crítica de pensamento, ação e experiência social com ativistas sociais e intelectuais de centro acadêmicos, mas sobretudo comunidades, coletivos e povos diversos da América Latina e Caribe (Gómez Hernández, 2018). Esse pensamento, também conhecido como giro decolonial, apresenta-se como uma perspectiva de deslocamento epistêmico na esfera social e acadêmica.

O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados. Ele argumenta que as normas e ideias construídas pelas grandes potências perpetuam a colonialidade.

Autores como Santos (2009), com seu conceito de "pensamento abissal", apontam para a distinção colonial entre o lado "visível" das metrópoles e o lado "invisível" dos territórios coloniais, separados por "linhas abissais" que definem a inexistência social e a subalternidade daqueles que estão do outro lado. Para Santos (2009), romper com as barreiras da colonialidade requer um "pensamento pós-abissal" que reconheça a co-presença igualitária de diferentes formas de conhecimento e de vida.

A decolonialidade se coloca como um projeto de libertação social, política, cultural e epistemológica que visa desconstruir os mitos do eurocentrismo e da modernidade ocidental, dando centralidade aos saberes, memórias e experiências dos povos colonizados (Ballestrin, 2013; Dulci; Malheiros, 2021; Oliveira; Lucini, 2021).

Os principais desafios enfrentados pelas pesquisas com enfoque decolonial são:

1. **Romper com a hegemonia dos modelos epistemológicos e metodológicos eurocêntricos:** pesquisar sob a perspectiva decolonial requer desafiar e desconstruir os modelos hegemônicos de produção de conhecimento oriundos do pensamento ocidental moderno. A colonialidade do saber perpetua a subalternização de epistemologias não-ocidentais, negando a diversidade de formas de produzir conhecimento (Ballestrin, 2013; Dulci; Malheiros, 2021; Mignolo, 2017).
2. **Adotar uma metodologia dialógica e interdisciplinar:** as pesquisas decoloniais demandam uma abordagem dialógica que respeite as diferenças e um posicionamento ético, além de um diálogo entre diferentes campos disciplinares. Deve enfatizar em metodologia transdisciplinar decolonial que supere os limites das disciplinas europeias e valorize epistemologias subalternizadas (Dulci; Malheiros, 2021; Fanon, 2009; Maldonado-Torres, 2015; Maldonado-Torres, 2016).
3. **Superar a ênfase no discurso colonial:** os estudos pós-coloniais dão muita ênfase ao discurso colonial, enquanto a perspectiva decolonial busca focar nas estruturas econômicas e no sistema-mundo. A colonialidade do poder, do saber e do ser são dimensões constitutivas da modernidade capitalista que não podem ser reduzidas ao discurso colonial (Mignolo, 2017). As pesquisas com enfoque decolonial devem ir além de uma disputa discursiva, mas também envolver a transformação radical das relações de poder presentes nas estruturas econômicas, políticas e epistêmicas da colonialidade. Demanda uma abordagem transdisciplinar que dialogue com a teoria crítica, a economia política e os movimentos sociais (Dulci; Malheiros, 2021; Penna, 2014).

Dessa forma, os desafios enfrentados pelas pesquisas com enfoque decolonial envolvem romper com a hegemonia das perspectivas metodológicas, epistemológicas e a colonialidade do saber, adotar uma metodologia dialógica e interdisciplinar e superar a ênfase no discurso colonial, articulando suas contribuições com diferentes campos do conhecimento.

Portanto, a pesquisa qualitativa apresenta-se como uma proposta metodológica fundamental para avançar na consolidação do pensamento e dos estudos com enfoque decolonial. Ao valorizar a interculturalidade, a transdisciplinaridade e o diálogo de saberes, a pesquisa qualitativa pode contribuir para a decolonização do conhecimento e a construção de alternativas epistêmicas e ontológicas que deem centralidade aos sujeitos e experiências historicamente subalternizados. Nesse sentido, a articulação entre teoria e método, entre reflexão crítica e transformação social, é um elemento-chave para a consolidação de uma agenda decolonial comprometida com a justiça social, do poder, do saber e do ser.

4 Contribuições das Pesquisas Qualitativas para os Estudos Decoloniais

Considerando que a investigação qualitativa fornece *insights* detalhados e explicações contextuais para os desafios enfrentados na prática da gestão moderna (Lanka *et al.*, 2021), e resgatando o objetivo deste estudo - compreender as contribuições da pesquisa de natureza qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial -, entende-se que para as pesquisas que almejam uma abordagem decolonial, é fundamental reconsiderar não apenas os fundamentos epistemológicos das teorias que as embasam, mas também os métodos empregados em sua elaboração. Essa perspectiva exige uma reformulação da relação entre sujeito e objeto, reconhecendo que o objeto de estudo deve emergir de um processo coletivo, envolvendo as comunidades e grupos que a pesquisa visa abordar, ao invés de ser determinado unilateralmente pelo pesquisador (Dulci; Malheiros, 2021). O desafio de conduzir pesquisas com orientação decolonial implica em uma ruptura com as metodologias tradicionais, especialmente aquelas de caráter positivista-funcionalista. Isso requer a exploração de novas possibilidades que transcendam a "colonialidade metodológica" predominante em muitas áreas de pesquisa.

Complementando essa visão, as pesquisas com enfoque decolonial propõem uma ampliação e atualização dos ideais de democratização do conhecimento, buscando superar modelos dominantes e abordar fenômenos complexos de forma mais abrangente. Essa abordagem visa promover um campo epistêmico social e democrático que não negligencie os

diversos sujeitos do conhecimento.

Os teóricos do pensamento decolonial, em especial, os autores do “Grupo Modernidade/Colonialidade” se dedicam a tratar de um dos conceitos-chave do “giro decolonial”, qual seja, a colonialidade, bem como suas derivações, especialmente colonialidade do poder, colonialidade do ser e colonialidade do saber. Ao tratar especificamente da decolonialidade proposta pelo referido Grupo, Ballestrin (2013) evidencia que diversos autores, tanto dos centros quanto das periferias da produção do conhecimento geopolítico, contestam as visões universalistas centradas no etnocêntrico, no eurocentrismo teórico, no nacionalismo metodológico, no positivismo epistemológico e no neoliberalismo científico presentes no *mainstream* das ciências sociais.

Ao questionar o *mainstream* das ciências sociais demonstra seu valor, assim como outros paradigmas alternativos. Essa abordagem metodológica enfrenta desafios para ser reconhecida como uma escolha válida, devido à prevalência das tradições positivistas, empiristas e quantitativas (Lanka *et al.*, 2021). Contudo, para Sousa Santos (1988) as ciências sociais são inerentemente subjetivas, pois buscam compreender os fenômenos sociais a partir das perspectivas mentais e dos significados que os atores sociais atribuem às suas ações. Consequentemente, torna-se necessário empregar métodos investigativos e critérios epistemológicos qualitativos para obter um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo.

Ao abordar temas como gênero, classes sociais e relações étnico-raciais, é fundamental adotar perspectivas que promovam um questionamento profundo e reflexivo, proporcionando uma visão realista e humanizada dos fenômenos estudados. Esta abordagem alinha-se com a visão de Cunha e Rego (2019), que destacam a importância dos métodos qualitativos na construção e desenvolvimento de teorias, permitindo uma análise próxima, reflexiva e contextualizada dos fenômenos.

A adoção de uma postura crítico-reflexiva, especialmente através de uma lente decolonial, apresenta uma forte afinidade com a pesquisa qualitativa. Esta convergência metodológica possibilita uma compreensão mais profunda e nuançada das complexidades sociais, culturais e históricas inerentes a esses temas. Além disso, essa abordagem permite desafiar narrativas dominantes e explorar perspectivas marginalizadas, contribuindo para uma produção de conhecimento mais inclusiva e representativa. A pesquisa qualitativa, neste contexto, serve como um instrumento valioso para capturar as nuances e subjetividades das experiências humanas, essenciais para uma compreensão holística das questões de gênero,

classe e etnia.

Complementarmente, Denzin e Lincoln (2018) argumentam que a pesquisa qualitativa é inerentemente uma abordagem interpretativa, capaz de oferecer *insights* únicos sobre a complexidade da vida social. Esta característica torna-a particularmente adequada para investigar temas presentes nos estudos com enfoque decolonial. A abordagem qualitativa, conforme destacado por Cunha e Rego (2019), tem como característica fundamental o foco na dimensão processual da realidade. Esta ênfase é particularmente relevante considerando a natureza dinâmica e em constante evolução da realidade social. Esta perspectiva ganha ainda mais relevância quando consideramos epistemologias alternativas que desafiam a colonialidade do conhecimento. Tais abordagens são cruciais no contexto atual, marcado por um agravamento e expansão das desigualdades e assimetrias em escala global, como apontado por Abdalla e Faria (2017).

Segundo Alperstedt e Andion (2017), a pesquisa qualitativa nos convida a repensar os métodos tradicionais de produção científica. Esta abordagem desafia a premissa de que os problemas de pesquisa existem de forma independente e prévia, aguardando soluções prontas. Em vez disso, propõe uma problematização mais profunda da realidade. Esta perspectiva promove uma aproximação significativa entre o conhecimento científico e os saberes práticos, borrando as fronteiras convencionais entre verdade e valor, ciência e política. Ao fazer isso, a pesquisa qualitativa abre caminho para uma compreensão mais holística e contextualizada dos fenômenos sociais.

O processo de construção do conhecimento, conforme destacado por Alperstedt e Andion (2017), é fundamentalmente um ato de co-criação que ocorre na interação com o mundo. Este processo, denominado interobjetivação, leva em consideração uma diversidade de perspectivas, interesses, desejos e aspirações. Em essência, nossa compreensão da realidade se dá através de um processo de objetivação, no qual buscamos dar sentido e estrutura ao que observamos e experimentamos. Esta visão se alinha com a abordagem decolonial - em suas dimensões epistêmica, teórica e política - que, segundo Abdalla e Faria (2017), tem o potencial de revelar conhecimentos que permanecem latentes ou subalternizados, especialmente em áreas funcionais que tradicionalmente têm sido marginalizadas em relação aos estudos organizacionais e críticos de gestão.

A partir desse entendimento é crucial desenvolvermos uma consciência e sensibilidade em relação ao seu potencial impacto simbólico, como apontado por Oliveira e Davel (2021). Estes autores argumentam que nossa produção científica deve ter como objetivo gerar

símbolos e representações que estimulem a sociedade a refletir, questionar e romper com visões de mundo, conhecimentos e representações opressoras. Quando aplicamos esta perspectiva às pesquisas com enfoque decolonial, compreendemos que cada resultado carrega uma significativa carga simbólica. Este impacto simbólico, por sua vez, abre caminhos para o reconhecimento da necessidade de que as narrativas sejam construídas não apenas a partir do interior do mundo considerado 'moderno', mas também de suas margens e fronteiras, como sugere Leal (2020).

Além disso, ao abordamos estudos sob o enfoque decolonial, observa-se uma tendência predominante para abordagens de natureza interpretativa. Saccol (2009) destaca que o paradigma interpretativista se posiciona como uma das principais alternativas ao paradigma positivista na pesquisa científica. Na perspectiva interpretativista, o resultado de uma investigação não é compreendido como a revelação de fatos objetivos ou de uma realidade absoluta. Em vez disso, o que se obtém é a interpretação do pesquisador sobre as interpretações dos indivíduos envolvidos no fenômeno estudado. Esta abordagem reconhece a subjetividade inerente ao processo de pesquisa e valoriza as múltiplas perspectivas dos participantes.

Conforme Ballestrin (2013), a decolonialidade compartilha da proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa, com sua ontologia que considera a interação entre sujeito e objeto, se alinha com os estudos decoloniais ao reconhecer que a realidade social é produto da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas. Isso significa que a realidade não é vista como algo objetivo e independente da mente humana, nem como fruto da percepção individual de cada indivíduo isoladamente. Em vez disso, a realidade é percebida e "criada" numa instância coletiva, ou seja, nas percepções do mundo que compartilhamos em sociedade, tornando-a intersubjetiva (Saccol, 2009).

Considerando que os estudos decoloniais têm um caráter emancipatório, buscando se desvincular do que é tido como certo para se ater ao que é contraditório e não evidente, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma alternativa promissora. Isso porque a abordagem qualitativa valoriza múltiplas percepções, esclarece significados, verifica a recorrência de observações e interpretações, percebe distintas realidades, atribui maior riqueza de informações e amplia a complexidade do estudo. Além disso, a pesquisa qualitativa dá voz aos participantes, com o objetivo de construir uma teia de significados sobre o fenômeno de interesse, como destacado por Leal (2020). Essa característica se alinha com os interesses

emancipatórios dos estudos decoloniais, que buscam desafiar narrativas dominantes e valorizar perspectivas marginalizadas.

Diante desse contexto, a pesquisa de natureza qualitativa como proposta metodológica atende às lacunas e desafios enfrentados pelas pesquisas com enfoque decolonial, pois rompe com a hegemonia dos modelos epistemológicos e metodológicos eurocêntricos (Ballestrin, 2013; Mignolo, 2017; Dulci; Malheiros, 2021) por meio de uma metodologia dialógica e interdisciplinar (Dulci; Malheiros, 2021; Fanon, 2009; Maldonado-Torres, 2015; Maldonado-Torres, 2016) superando a ênfase no discurso colonial, articulando suas contribuições com diferentes campos do conhecimento (Dulci; Malheiros, 2021; Penna, 2014; Mignolo, 2017).

5 Considerações Finais

O objetivo deste ensaio teórico foi compreender as contribuições da pesquisa qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial. A partir da revisão bibliográfica e das conexões e reflexões estabelecidas, compreende-se que a pesquisa qualitativa se apresenta como uma proposta metodológica para os estudos com enfoque decolonial. A pesquisa qualitativa oferece uma abordagem metodológica alinhada com o pensamento decolonial, pois possui um alinhamento ontológico e epistemológico, valoriza perspectivas historicamente marginalizadas, compreende as experiências vividas e os significados atribuídos, e possui potencial para produzir conhecimentos engajados e socialmente relevantes.

Como principais contribuições teóricas, tem-se que é fundamental que o campo das ciências sociais aplicadas estabeleçam conexões cada vez mais estreitas com a realidade em constante transformação, atendendo às suas necessidades e demandas emergentes. Isso requer uma abertura da ciência administrativa para novas experimentações nos âmbitos epistêmico, teórico e metodológico (Alperstedt; Andion, 2017). Nesse contexto, as metodologias qualitativas aplicadas em pesquisas decoloniais se apresentam como uma alternativa promissora para essas novas experimentações. A pesquisa qualitativa, alinhada com os princípios decoloniais, permite uma compreensão mais profunda e contextualizada da realidade social, valorizando múltiplas perspectivas e dando voz a grupos historicamente marginalizados.

Diante disso, Spyer Dulci e Rocha Malheiros (2021) argumentam que pensar

metodologias para estudos decoloniais implica em considerar ferramentas além daquelas que hierarquizam e objetificam povos e vozes historicamente subalternizados e silenciados. Trata-se de um esforço para trazer à tona os caminhos de conhecimento que foram relegados às margens. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma alternativa metodológica emancipadora, compatível e viável para os estudos decoloniais. Essa abordagem permite dar voz a perspectivas marginalizadas e valorizar a pluralidade de experiências e interpretações, em oposição a métodos que tendem a padronizar e objetificar os sujeitos da pesquisa.

Todo esse entendimento dialoga com a perspectiva apresentada por Alperstedt e Andion (2017), pois, segundo as autoras, a ausência de responsabilização pelas finalidades sociais daquilo que se produz na pesquisa acadêmica tem como efeito a formação de pesquisadores pouco críticos e reflexivos. Ou seja, ao desconsiderar, nos estudos decoloniais, as classificações fruto da formação colonial, bem como as relações de exploração, dominação e conflito inerentes à colonialidade (Ballestrin, 2013), as investigações estarão enviesadas e irresponsáveis quanto aos aspectos sociais.

Indo ao encontro de Ballestrin (2013), o conceito de colonialidade se apresenta como um princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo. A decolonialidade, por sua vez, basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico. O caráter dinâmico e conflitivo desse fenômeno se apresenta como uma oportunidade de reflexão e de articulação de suas especificidades à totalidade da qual ele é parte constitutiva, na busca por sua essência qualitativa. As escolhas por fenômenos ou objetos de estudo refletem uma racionalidade subjacente. Elas são um reflexo de como se enxerga o mundo. E o conhecimento sobre a realidade depende das práticas humanas, sendo construído por meio da interação entre as pessoas e o mundo. Essa concepção de interação entre sujeito e objeto relaciona-se com os preceitos da decolonialidade.

A ciência social aplicada necessita estabelecer um diálogo profundo com a decolonialidade, especialmente a partir de uma perspectiva qualitativa. Isso porque a lógica dominante do eurocentrismo precisa ser contestada de forma a construir resultados de pesquisas que questionem, reflitam e rompam com paradigmas hegemônicos até então vigentes. Essa abordagem permitirá que os resultados de pesquisa apreendam o valor sutil, profundo e estruturante que podem acarretar para o desenvolvimento e transformação da sociedade e das organizações (Oliveira; Davel, 2021; Alperstedt; Andion, 2017). A pesquisa

qualitativa contribuirá significativamente para a compreensão de outros saberes que desvendem a colonialidade epistêmica, a colonialidade do poder e a colonialidade do ser, a partir de uma perspectiva crítico-reflexiva. Essa abordagem permitirá uma análise mais profunda e contextualizada dos fenômenos sociais, valorizando a pluralidade de perspectivas e experiências.

Por fim, observa-se que a discussão aqui apresentada requer, sem dúvida, um aprofundamento teórico-metodológico mais amplo, bem como uma maior exploração de conhecimentos relacionados a outros estudos que possam, por sua vez, enriquecer a presente reflexão, ratificando ou contestando os posicionamentos formulados e apresentados. É, portanto, em virtude de estar ainda em processo de construção de um novo pensamento que o presente ensaio teórico se apresenta como uma proposta de oferecer contribuições para uma reflexão sobre as pesquisas qualitativas para os estudos que possuem um enfoque decolonial.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) - CP nº 48/2021.

Referências

ABDALLA, M. M.; FARIA, A. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 914-929, out./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>. Acesso em: 11 set. 2021.

AHRENS, T.; CHAPMAN, C. S. Doing qualitative field research in management accounting: Positioning data to contribute to theory. **Accounting, Organizations and Society**, v. 31, n. 8, p. 819-841, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.aos.2006.03.007>.

ALPERSTEDT, G. D.; ANDION, C. Por uma pesquisa que faça sentido. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 57, n. 6, p. 626-631, nov./dez. 2017.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai. 2013.

BARBOSA, V. L. E. Decolonialidade e Serviço Social: um debate emergente. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 138, p. 242-257, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.308>.

BLUHM, D. J. *et al.* Qualitative research in management: A decade of progress. **Journal of**

Management Studies, v. 48, n. 8, p. 1866-1891, 2011.

BRYMAN, A. The debate about quantitative and qualitative research: a question of method or epistemology? **British Journal of Sociology**, v. 35, n. 1, p. 78-92, 1984. Disponível em: <http://doi.org/10.2307/590553>.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative & quantitative approaches**. London: Sage Publications, 1994.

CUNHA, M. P. E.; REGO, A. Métodos qualitativos nos estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, Lisboa, v. 18, n. 3, p. 188-206, 30 dez. 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DULCI, T. M. S.; MALHEIROS, M. R. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 174-193, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>. Acesso em: 8 jul. 2024.

DUSSEL, E. Europa, modernidad y eurocentrismo. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 4, p. 69-81, 1993.

FANON, F. **Piel negra, máscaras blancas**. Madrid: Editorial Akal, 2009.

GIOIA, D. A.; CORLEY, K. G.; HAMILTON, A. L. Seeking qualitative rigor in inductive research: Notes on the Gioia methodology. **Organizational Research Methods**, v. 16, n. 1, p. 15-31, 2013.

GOMES, C. M. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209>.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, E. **¿Por qué trabajo social intercultural y decolonial?** 2018a. Disponível em: <https://www.celats.org/11-noticias/46-por-que-trabajo-socialintercultural-y-decolonial>. Acesso em: 6 dez. 2023.

JAAKKOLA, E. Designing conceptual articles: four approaches. **AMS review**, v. 10, n. 1, p.

18-26, 2020.

LANKA, E. *et al.* Why we need qualitative research in management studies. **Revista de Administração Contemporânea**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2021200297.en>.

LEAL, F. G. **Bases Epistemológicas dos discursos dominantes de ‘Internacionalização da Educação Superior’ no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. Rousseau and Fanon on inequality and the human sciences. *In*: GORDON, Jane; ROBERTS, Neil (Eds.). **Creolizing Rousseau**, p. 121-142. London: Rowman & Littlefield, 2015.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 75-97, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. **Qualitative research: A guide to design and implementation**. 4. ed. San Francisco: John Wiley & Sons, 2015.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 2-18, 22 jun. 2017

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. *In*: CASTROGÓMEZ, S.; MENDIETA, E. (ed.). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate**. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. p. 26-50.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, E. S.; LUCINI, M. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. **Boletim Historiar**, v. 8, n. 01, 2021.

OLIVEIRA, J. S.; DAVEL, E. P. B. Symbolic Impact of Research. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 96, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9600PT>. Acesso em: 11 set. 2021.

PENNA, C. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 8, n. 2, p. 164-180, 2014.

PRATT, M. G. From the editors: For the lack of a boilerplate: Tips on writing up (and reviewing) qualitative research. **Academy of Management Journal**, v. 52, n. 5, p. 856-862, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. **Espacio Abierto**, v. 28, n. 1, p. 255-301, 2019.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273420378007>.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. 2017 Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf. Acesso em: 1 jun. 2024.

SOUSA SANTOS, B. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, p. 46-71, 1988.

STAKE, R. E. **Qualitative research: Studying how things work**. New York: Guilford Press, 2010.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1990.

TORRES, I. C. Por um pensamento ecológico e decolonial: saberes ancestrais e agenciamento político de mulheres indígenas na Amazônia. Entrevista concedida a SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 28, n. 1, 2024.

TRACY, S. J. Qualitative quality: Eight "big-tent" criteria for excellent qualitative research. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010.

WALSH, C. E.; MIGNOLO, W.; LINERA, Á. G. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006.

WALSH, C. Interculturalidad crítica/pedagogia de-colonial. **Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**, v. 3, n. 6, p. 25-42, 2012.

WEINBERG, D. **Contemporary social constructionism: Key themes**. Philadelphia: Temple University Press, 2014.

YILMAZ, K. Comparison of quantitative and qualitative research traditions: Epistemological, theoretical, and methodological differences. **European Journal of Education**, v. 48, n. 2, p. 311-325, 2013.